

01 AGO 1998

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Fernando Henrique Cardoso
**Em busca da
emoção perdida**

Estão todos perplexos, políticos da situação e da oposição, com a falta de interesse popular pela eleição de outubro. Os que trabalham na campanha de Fernando Henrique Cardoso dão graças a Deus, pois para eles quanto menos movimento melhor. Os candidatos que estão na frente nos estados seguem a mesma linha.

A oposição ou mesmo os governistas em situação pouco confortável afligem-se. Obviamente constatarem que a pasmaceira trabalha contra eles, pois a interpretam como a intenção do eleitorado de deixar tudo como está para ver como é que fica.

A despeito do significado eleitoral que o parágrafo tenha para um ou para outro, ambos os grupos incomodam-se em algum nível com a falta de emoção na disputa. Ontem, por exemplo, havia amuo na comitiva de Fernando Henrique que acompanhava o candidato em Juazeiro (CE) porque na cidade quase ninguém sabia quem eram os candidatos à presidência e, por isso mesmo, não faziam a mais pálida idéia em quem iriam votar.

Outro dia um senador pernambucano também contava que no interior de seu estado, em eleições passadas, nessa altura o clima já era de guerra, de divisão acirrada. Hoje, dizia ele, ninguém parece estar tomando conhecimento de nada.

Há quem atribua isso à falta de cobertura dos jornais de televisão para a movimentação dos candidatos. Pode até ser, mas há que considerar a existência de explicações mais simples e menos tendenciosas à eterna atribuição de culpas ao alheio.

Uma guarda relação com a falta de novidade que representa o tema. A primeira eleição presidencial direta, em 1989, foi um show. Afinal, completava-se ali, pelo menos no formal, a transição democrática, havia quase três décadas que não se votava para presidente no país.

Hoje, estamos enfrentando a terceira empreitada da mesma natureza. Dado que a escolha de governantes não encerra o mesmo potencial de disputa e emoção que uma Copa do Mundo ou uma Olimpíada, convenhamos que seria demais exigir a mesma reação e o mesmo interesse popular a cada vez.

Outra razão é que não existe um mísero ator novo na história em curso. Na eleição de 1994 havia Fernando Henrique, havia o Plano Real, que não era promessa, já estava em implantação e dando resultados que entusiasmavam as pessoas.

Desta vez até o presidente se repete. Temos o instituto da reeleição e uma oposição que não conseguiu criar um único fato novo durante o mandato de FH. Que, se se repete aos olhos do eleitor, tem na mesmice Luiz Inácio Lula da Silva como companheiro.

Esse fala as mesmas coisas que sempre disse, com a desvantagem de repeti-las no mesmo diapasão há muito mais tempo. Ou seja, cansou.

Há Ciro Gomes, que durante certo tempo reuniu expectativas no sentido da novidade. Mas por algum motivo ainda não falou à alma do eleitor.

Um terceiro motivo é mais simples ainda: eleição é fato corriqueiro em regimes que têm nela a forma de escolha dos governantes. Não há nenhuma razão concreta para que o eleitor meses antes fique com suas preocupações voltadas exclusivamente para o tema.

Ainda mais se considerarmos que quanto mais forte e organizada vai ficando uma sociedade (o que ainda não é o nosso caso, mas vamos caminhando nessa direção), menos importância têm seus dirigentes no cotidiano. Formalmente, o presidente da República é a pessoa mais importante do país.

Mas de fato não é. Há quem atribua essa prerrogativa ao padre da cidade, ao chefe da seção, ao melhor jogador de seu time, ao namorado, à filha de uma artista vítima de patológico exibicionismo ou a quem quer que seja que lhe desperte as emoções. Por mais esquisitas que possam ser.

De mais a mais, para que as pessoas se mobilizem, algo precisa acontecer, alguém que justifique o despertar de ânimos precisa se apresentar. E, pelo que vimos até agora, tirando a subida de Lula nas pesquisas (que animou o ambiente, ou não animou?), nada disso ocorreu.

Portanto, não adianta cobrar emoção quando não se sabe ou não se pretende emocionar.